



Debate Economistas, gestores e empresários discutem estratégias para o futuro da economia nacional

Receita para Portugal crescer

Indicadores ainda preocupam

Texto **JOÃO SILVESTRE**

por onde vamos

Portugal saiu de três anos de programa de *troika* mas, apesar do regresso do Estado ao financiamento nos mercados que era o objetivo número um, há ainda várias questões por resolver. A iniciativa 'Por Onde Vamos', que arrancou no ano passado, poderia repetir-se agora com muitas das mesmas questões na agenda. Esta semana foi o encerramento com um duplo painel em debate na AESE-Escola de Negócios: o primeiro a olhar para dentro e para a reestruturação que a economia tem de fazer para voltar a crescer; o segundo pelos 'olhos' das empresas exportadoras. Entre as opiniões de oito intervenientes foi possível encontrar alguns pontos de concordância. Cristina Casalinho, vogal da Agência de Gestão da Tesouraria e da Dívida Pública (IGCP), começou pelo financiamento do Estado e pela forma como foi possível Portugal ter uma 'saída limpa'. "Chegámos ao IGCP em 2011 e havia um grande ceticismo sobre se Portugal cumpria os objeti-

vos", referiu. Em relação ao futuro da economia portuguesa insistiu que Portugal deve "reinventar-se naquilo que faz bem" e que é nas áreas em que tem vantagens competitivas que deve tentar captar investimento direto estrangeiro (IDE).

Para Daniel Bessa, a questão não está tanto na competitividade propriamente dita — porque "há histórias de sucesso em todos os sectores" — mas passa, sobretudo, por subir na cadeia de valor. A sua preocupação maior vai para a intervenção dos poderes públicos: "O meu problema maior hoje em Portugal é com a política. Na política não consigo ver senão más notícias". Em relação à reindustrialização, que atualmente se tornou moda, recusa ver o Estado a escolher sectores de atividade e apenas espera intervenção pública em estratégias de longo prazo.

Já José Ribeirinho Machado, professor da AESE, lembrou que a aposta nos serviços foi uma moda e Portugal foi atrás. Mas, mesmo assim, duvida que "consigamos fazer uma reindustrialização séria". Mais cético ainda parece estar Rui Semedo, presidente do Banco Popular, em relação a alguns indicadores das várias áreas analisadas pela PwC (ver gráficos ao lado) e que foram objeto de várias conferências: "Como foi possível gerar um país com estes indicadores? Temos quatro labirintos: europeu, político, económico e comportamental."

No segundo painel, o objetivo era olhar para as empresas e a forma

como abordam o mercado global. Luís Portela, *chairman* da BIAL, insistiu na diferenciação do produto e na importância das patentes e das marcas. Algo natural para uma empresa que vende medicamentos. "As empresas têm estado distanciadas da riqueza de conhecimento acumulada nas universidades", alertou, chamando a atenção para a ponte que tem de haver entre a investigação e as empresas. Para Rui Paiva, da WeDo que está em inúmeros países e tem funcionários de 21 nacionalidades, as empresas não devem achar que são piores do que as de outros países e têm de encarar o mercado global como o seu mercado natural: "As empresas não podem ser pequenas para sempre."

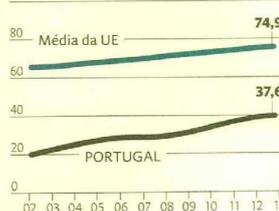
Manuel Caldeira Cabral, da Universidade do Minho, destacou o facto de a falta de crédito ter destruído empresas viáveis e sublinhou que "há uma parte grande do equilíbrio externo que foi conseguido através da redução de importações de bens duráveis e bens de investimento".

No caso de Luís Filipe Pereira, do Conselho de Supervisão da EDP e ex-ministro da Saúde de Durão Barroso, a tónica deve ser colocada nas empresas privadas que criam a maior parte do emprego e não no papel do Estado que deve ser cliente, facilitador (nomeadamente através da diplomacia económica) e fornecer várias políticas públicas: "Os níveis de produtividade e competitividade do sector público são bastante baixos."

jsilvestre@expresso.impresa.pt

EDUCAÇÃO

% da população com ensino secundário



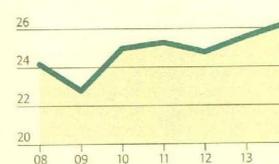
INOVAÇÃO

Barómetro, em pontos (Janeiro 2013)



TURISMO

Contribuição para o PIB, milhares de milhões de €



AGRICULTURA

Em milhões de euros



Fonte: PwC

"Houve uma moda e toda a gente queria fazer serviços. E nós fomos atrás. Mas duvido que consigamos fazer uma reindustrialização a sério"

JORGE RIBEIRO MACHADO
Professor da AESE

"Como foi possível gerar um país com estes indicadores? Temos quatro labirintos terríveis: europeu, político, económico e comportamental"

RUI SEMEDO
Presidente do Banco Popular

"Temos, de facto, um problema de competitividade. Os níveis de produtividade e competitividade no sector público são bastante baixos"

LUÍS FILIPE PEREIRA
Conselho de Supervisão da EDP

"Hoje em dia temos de nos focar no mercado global e ter maior diferenciação, em patentes ou marcas"

LUÍS PORTELA
Chairman da BIAL

"Os portugueses não são em nada diferentes dos outros. Há uma barreira típica que nos impomos a nós próprios. Não há necessariamente uma cultura de nação que prevalece sobre a cultura da organização"

RUI PAIVA
CEO da WeDo Technologies

"Há uma parte grande do equilíbrio externo que foi conseguido através da redução das importações de bens duráveis e bens de investimento"

MANUEL CALDEIRA CABRAL
Professor na Universidade do Minho



Os membros do primeiro painel moderado por Ricardo Costa, diretor do Expresso: Cristina Casalinho (IGCP), Jorge Ribeirinho Machado (AESE), Daniel Bessa (COTEC) e Rui Semedo (Banco Popular) no auditório da escola de negócios, em Lisboa, na quinta-feira. FOTO LUÍS BARRA

FRASES DOS PARTICIPANTES

“Chegámos ao IGCP em 2011 e havia um grande ceticismo sobre se Portugal cumpria os objetivos. A partir de meados do ano seguinte começou a haver evidência de que estavam a ser cumpridos”

CRISTINA CASALINHO
Vogal da Administração do IGCP

“Em praticamente todos os sectores encontramos histórias de sucesso. O meu maior problema hoje é com a política. Meter o Estado a escolher sectores é o pior possível”

DANIEL BESSA
Diretor-geral da COTEC